

Apresentação

Inserindo-se de forma coerente nos estudos literários contemporâneos, este número dos **Cadernos CESPUC de Pesquisa** reúne os pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas para tratar de temas caros às literaturas de língua portuguesa.

A primeira parte, **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**, traz, em sua abertura, análises inéditas de dois autores angolanos: Ruy Duarte de Carvalho e Arlindo Barbeitos.

Ana Paula Alves Generoso, em “A escrita como viagem em **Desmedida**”, investiga o romance de Ruy Duarte de Carvalho observando que a escrita pode ser um espaço de não lugar, no qual o passado e o presente se misturam, assim como a história e a ficção se conectam. E Lílian Paula Serra e Deus, no artigo “A medida de um olhar”, também analisa a obra **Desmedida** focando a questão do espaço e de como ele funciona como mote para outros discursos, nos quais tempos diferentes se entrecruzam e remontam as histórias de Angola e do Brasil sob um olhar que se distancia do eurocêntrico.

Regina Célia Vaz Ribeiro Gonçalves, em “Entre os fiapos da poesia de Arlindo Barbeitos: um sonho de libertação”, estuda a obra do poeta angolano aludindo à questão da linguagem como possibilidade de expressão do homem que sofre, entrelaçado aos fiapos existentes entre a guerra e a paz, a palavra e o silêncio, a memória e o esquecimento, a natureza e a cultura, vivendo sua dura realidade de luta diária, mas sonhando com um fiapo de libertação.

Na sequência, também a prosa e a poesia moçambicanas são visitadas em obras de autores contemporâneos ainda pouco estudadas no Brasil e que figuram ao lado de outras obras de autores que já estão presentes no rol de textos que traduzem Moçambique para o imaginário dos pesquisadores brasileiros.

Em “Moçambicronizando: uma leitura de **Amor de baobá**, de Suleiman Cassamo”, Cleonice Aparecida Machado de Freitas investiga a obra de Suleiman Cassamo buscando evidenciar em que medida a escrita das crônicas reflete o processo de formação da identidade cultural híbrida de Moçambique.

Wellington Marçal de Carvalho, em “Viagem e exílio em **Campo de trânsito**, de João Paulo Borges Coelho”, lê o romance do escritor

João Paulo Borges Coelho articulando-o a algumas categorias conceituais como a de exílio e a de não lugar, entrelaçando-as à noção de viagem, de identidade e de comunidade.

Isabella Lígia Moraes estuda em “Virgílio de Lemos e a proposta poética de **Msaho**: diálogos e tradição na poesia moçambicana”, a proposta poética do jornal **Msaho**, por meio de seu mais representativo integrante, o poeta Virgílio de Lemos, procurando mostrar os diálogos estabelecidos pelo poeta com diversos movimentos artísticos, o que revela uma identidade construída a partir da multiplicidade, e ainda, abordando também a busca da tradição moçambicana e suas raízes aéreas, o que coincide com a busca do próprio poema e se manifesta através da metalinguagem.

Leocádia Aparecida Chaves, no artigo “As margens da nação moderna em **Ventos do apocalipse**, de Paulina Chiziane”, discute como o espaço de enunciação garantido às minorias, nos países africanos de língua portuguesa que ainda vivem as consequências diretas dos traumas de sua história recente, aparece na obra **Ventos de apocalipse**, de Paulina Chiziane, informando como as narrativas literárias têm refletido sobre essas nações fragmentadas, no contexto da guerra civil, e como essas questões se relacionam com a contemporaneidade.

Finalmente, Rosália Diogo, em seu estudo “Configurações espaciais em **Terra sonâmbula**”, a partir das considerações do autor Milton Santos para os conceitos de paisagem e espaço, analisa as configurações espaciais presentes no romance de Mia Couto, privilegiando o imbricamento entre o espaço físico, os espaços de guerra e os espaços de trânsito dos personagens, no entendimento de que é possível um olhar por detrás da aparente paisagem.

A literatura de Cabo Verde se faz representar nesta edição pelo estudo “O tempo espiralar na narrativa de Orlanda Amarílis”, de Jaqueline Teodora Alves Cardoso, que, tomando como arcabouço teórico a noção de tempo espiralar da ensaísta brasileira Leda Maria Martins e como objeto de estudo o conto “A casa dos mastros”, de Orlanda Amarílis, investiga como o tempo assume, na narrativa, uma espiralidade que rompe com a cronologia linear à medida que associa, concomitantemente, passado, presente e futuro, por meio do resgate da tradição e da memória, a fim de possibilitar a construção da identidade caboverdiana no pós-independência.

A questão da identidade no período pós-independência também motiva o estudo “**A última tragédia**: um esboço da construção histórica e identitária da Guiné-Bissau”, de Gabriela Lira Carneiro e Jaqueline Teodora Alves Cardoso. As pesquisadoras analisam o romance do guineense Abdulai Silá a partir do conceito de literatura menor, dos teóricos Gilles Deleuze e Félix Guatarri,

da idéia de disseminação, do teórico Homi K. Bhabha, e da percepção da literatura como construção histórica, de Manuel Gusmão, para refletirem sobre o papel desempenhado por essa obra na construção histórica e identitária da Guiné-Bissau.

Também a parte referente à **Literatura Brasileira** inova ao contemplar o leitor com algumas reflexões que se debruçam sobre o fazer literário e sobre as relações entre literatura, espaço e sociedade.

Em “**Regurgitofagia: performance da palavra inquieta**”, Valéria Soares Coelho analisa a inquietude que perpassa a obra de Melamed em sua proposta de romper com as possibilidades de estabelecimento do gênero discursivo. Para fazê-lo, a autora considera não apenas a obra impressa, mas também as outras realizações textuais pelas quais ela se constitui, como a performance do autor/ator no palco ou em seu site pela internet. A partir dessas interações textuais, a obra é pensada, pela articulista, como um trabalho artístico/espetáculo autoral que trabalha a interação da literatura com outras formas de expressão, seguindo uma tendência de propor relações entre as artes, visuais ou não, constantemente explorada na modernidade.

Adriana dos Reis, em “**Diva: as distintas possibilidades acerca da literariedade**”, também procura refletir sobre o processo de construção narrativa investigando a obra romântica de José de Alencar à luz dos estudos de Ducrot, sobre a polifonia; Benjamim, acerca do narrador; a noção sobre a perspectiva e o tom, segundo Bosi; assim como algumas considerações sobre o ato de narrar ou descrever, de Lukács.

A encenação da realidade brasileira também é contemplada em dois artigos. No primeiro – “A recepção da sociedade frente a Inauguração da avenida, de Olavo Bilac” –, Carlos Vinícius Teixeira Palhares e Raquel Solange Pinto analisam como Olavo Bilac apreendeu os ideais de modernidade e a concepção de cidade que marcou a antiga capital do Brasil, o Rio de Janeiro, no início do século XX, sob o impacto das mudanças estruturais impostas à cidade. Para os autores, a idealização do espaço urbano e de seu planejamento e as diferentes estratégias de intervenção que fizeram parte do Rio de Janeiro em fins do século XIX visavam transformar a cidade em vitrine para o republicanismo, que era composto por elites comprometidas com as oligarquias rurais. Mostram eles que leitura da crônica possibilita dar início à composição de um painel da *Belle Époque* carioca, marcada pela novidade de um sistema político – a República – e de um espaço urbano em constante transformação. Nesse contexto, o escritor carioca se posiciona como um transeunte em uma cidade que se construía, ditando novos hábitos e costumes e, em última análise, um novo modelo de civilização. O artigo também reflete sobre as

características do gênero literário escolhido por Bilac para captar, através da inauguração da Avenida Central, o impacto que a modernização e os ideais de modernidade, tal como apreendida pelo escritor *flâneur*. No segundo, intitulado “A construção do espaço em **Clara dos Anjos**, de Lima Barreto”, Adriana dos Reis Silva e Carlos Vinícius Teixeira Palhares visitam os espaços urbanos apresentados na obra realista de Lima Barreto. O trânsito entre a cidade e o subúrbio, nessa narrativa, constituem-se sob as perambulações realizadas pelos personagens centrais da narrativa – Cassi e seus amigos trapaceiros – em contraponto à família de Clara dos Anjos. Os autores mostram como a idealização do espaço urbano, seu planejamento e as diferentes estratégias de intervenção que fizeram parte do Rio de Janeiro, no começo do século XX, transformaram a cidade, permitindo à obra denunciar, pela exploração do espaço urbano, uma sociedade brasileira injusta e racista.

O viés do racismo reaparece no artigo “A escrita machadiana e a literatura negra”, no qual Rosália Diogo reflete sobre o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, a fim de enquadrar o autor como representante da literatura negra. Procurando estreitar a relação entre a situação da população afro-brasileira na sociedade e a escrita machadiana, a autora informa ao leitor que o conto em questão foi publicado no ano de 1906, poucos anos após o fim do período da escravidão no Brasil, abolida formalmente no ano de 1888.

Em breve serão lançados outros dois números dos **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, o que permite acreditar na longevidade desse periódico que tantos bons estudos tem divulgado no meio acadêmico brasileiro e internacional.

TEREZINHA TABORDA MOREIRA
ORGANIZADORA